

25.03.88

4 JORNAL DA TARDE

jornal da tarde

Publicado pelo S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Constantino Álvares, 55, tel.: 854/2122 (P.)



JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANK
(1927 - 1969)

O PMDB ideológico pelo PMDB fisiológico. Só isso?

Já tínhamos dito em nosso primeiro comentário da decisão da Constituinte pelo presidencialismo e por cinco anos de mandato para os futuros presidentes que, por tudo que conhecíamos do sr. José Sarney e pelo fato de estarem ainda pendentes as Disposições Transitórias da Constituinte que tratarão, especificamente, da duração do seu mandato, o País real poderia contar como certo apenas com um dos efeitos da votação de terça-feira, ficando os outros — tão desejados — ainda no terreno das conjecturas. Afirmávamos, a propósito, que víamos importância muito maior, para o País real, naquilo que fora derrotado naquela votação (o PMDB ideológico que governou de fato até aqui e que foi o principal responsável pela destruição de nossa economia e de nossa imagem internacional), do que aquilo que aparecia como "vencedor" (o presidente José Sarney).

Pensávamos que com a inevitável fragmentação do PMDB que se seguiria — e que começou a ser ensaiada assim que foi conhecido o resultado da votação — abrir-se-ia um imenso vazio no cenário político brasileiro que só poderia ser ocupado pelo presidente Sarney (e só se realmente ocupar este espaço ele poderá se considerar vitorioso) ou, se ele o deixasse vazio, pelos Lulas e Brizolas da vida ou quem se decidisse a enfrentá-los pela força. E claro que Sarney só poderia ocupar esse espaço se, daqui por diante, deixasse de utilizar os "métodos" que empregou para obter a vitória no plenário e se redimisse da utilização de tais métodos no passado aplicando decididamente uma política corajosa para pôr ordem na casa do governo. É aquela política que o seu ministro da Fazenda já tem pronta e que submeteu ontem à sua apreciação; política esta que tem todas as condições de tirar o Brasil do buraco, nos dois anos que restam a Sarney, e de colocá-lo no limiar do Primeiro Mundo.

Mas, já no imediato day after da batalha do sistema de governo, acumulam-se os sinais de que as coisas podem ser piores do que imaginávamos. É possível até que nem aquela parte dos efeitos da votação de terça-feira que considerávamos como certa — a fragmentação do PMDB assim que desaparecesse a poderosíssima "cola" do comum desfrutar das delícias do poder que mantinha unidos os cacos da agremiação, e que chegou a começar — chegue a se concretizar. Ela já ameaça refluxir diante da contemporização do presidente para com os derrotados, certamente para surpresa até deles próprios. Ontem no Palácio do Planalto informava-se que o sr. Sarney não pretende dispensar os ministros que lhe foram impostos pelo "primeiro-ministro de fato" derrotado terça-feira (Ulysses Guimarães) "até a definição de seu mandato nas Disposições Transitórias", segundo as palavras do ex-porta-voz, Fernando César Mesquita, agora apresentado com a filha de Fernando de Noronha. Esta versão era confirmada pela informação de que o "premier" derrotado, reunido com os "seus" ministros em sua residência de Brasília, "aconselhou-os" a não deixarem o governo. O ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, um dos mais notórios "inimigos" do presidente, diante disso, já saiu da reunião dizendo que "ful parlamentarista sim, mas com mandato de cinco anos", à guisa de explicação por não ter tomado a única atitude digna que poderia tomar (e provavelmente não tomará). Até o senador Fernando Henrique Cardoso que, logo após a divulgação do resultado da votação, anunciara às televisões o seu desligamento do PMDB, voltou atrás e recolheu-se a um precavido silêncio.

Quanto aos sinais que se referem à outra parte dos efeitos que se poderiam esperar da votação de terça-feira, eles são ainda mais desanimadores. Apesar de nesta (nova) eleição (do presidente Sarney) — e na próxima, nas Disposições Transitórias — o eleitorado se resumir a 559 indivíduos, estão presentes todos os indícios de que ela pode ter para os planos do ministro Mafson da Nóbrega o mesmo efeito que teve a eleição de 1986 para o Plano Cruzado. Tudo indica que o nosso patético Fausto do Maranhão só escapou de entregar definitivamente sua alma ao Mefistófeles ulyssiano e ao PMDB ideológico (se é que escapou mesmo) porque fez um pacto do mesmo tipo com os governadores (que uniram o útil ao agradável porque a nenhum deles interessava realmente o parlamentarismo e nem, muito menos, eleições este ano e com o PMDB fisiológico. Basta ver a satisfação dos governadores, todos a postos e salivando, com a conta pelo serviço prestado na mão, puxando a fila em que se alinham também, com as suas respectivas contas, muitos dos 344 constituintes que votaram pelo presidencialismo. Os governadores não perderam tempo em atacar diretamente um dos tripés do plano de Mafson que é a limitação da capacidade de endividamento dos Estados e municípios da qual o ministro esperava uma economia, ainda este ano, de pelo menos 1% do PIB no déficit público previsto. Segundo se comenta em Brasília, o presidente já teria adaptado a fórmula original — ampla, geral e irrestrita — de Mafson à velha fórmula getulista: aos governadores "amigos", tudo; aos "inimigos", o pacote...

Acrescenta um peso arrasador a todos estes boatos e sinais a total falta de entusiasmo com que desembarcou, retornando de Caracas, o ministro Mafson da Nóbrega. Perguntado sobre o custo da vitória do presidencialismo e do "apoio" dos governadores, Mafson respondeu com uma cautela que, nas atuais circunstâncias, chega a ser tenebrosa: "Confio na consciência dos governadores" e não, portanto, acrescentamos nós, na decisão e na autoridade do presidente. Quanto às outras medidas, o ministro esforçava-se, embaraçado, por não apresentar nenhuma delas como definitiva, inegociável ou coisa parecida. E isso porque sabia — conhecendo o seu patrão — que, mais uma vez, tudo pode ser considerado "politicamente", tendo em vista a votação das "Disposições Transitórias" e não os interesses e necessidades da Nação...

Em outras palavras, o sr. José Sarney, supostamente livre, agora, dos obstáculos que o mantinham imobilizado diante do desastre financeiro do Estado, em vez de jogar a definitiva pá de cal sobre os inimigos que, segundo ele, o mantinham assim e que ele derrotou, foi socorrê-los com um balão de oxigênio. Não fez nenhum gesto na direção de todas as forças do País real que saudaram a sua "vitória" como a última esperança de escaparem ao caos definitivo e que não lhe pediam senão que governasse já. E o mais grave é que o que o País sério lhe pede — ou melhor, exige — é exatamente a mesma coisa que o seu ministro da Fazenda também lhe pede: que passe a apoiá-lo (ao ministro) para fazer o que tem de ser feito. E este grito não vem só dos empresários. Vem também dos representantes dos trabalhadores — até dos mais radicais, já que nem a CUT ousa ainda discutir a necessidade de se cortar o déficit público, drasticamente, discutindo apenas como ele deve ser cortado. E é repercutido, também, na comunidade financeira internacional que, tão animada como os demais brasileiros com o que aconteceu na terça-feira, espera apenas uma palavra, um sinal do sr. José Sarney, de que está disposto a exercer o mandato que acaba de ter confirmado para nos receber de volta, de braços abertos. O Brasil sério e o resto do mundo desenvolvido que precisa de novos mercados consumidores ricos para continuar se desenvolvendo esperam, enfim, uma palavra, um sinal do sr. José Sarney para recomeçarem a respirar aliviados. Mas até o momento o sr. José Sarney só dirigiu palavras e sinais positivos para o País bandalho...

Esperamos sinceramente que estejamos enganados na avaliação dos primeiros sinais surgidos no day after da batalha de terça-feira. Esperamos sinceramente que o presidente esteja totalmente consciente da importância e do caráter definitivo dos próximos passos que vai dar e que a explicação para a direção única dos sinais que ele enviou até agora sejam a seriedade e o cuidado com que ele está estudando as medidas que pretende, realmente, aplicar com toda a profundidade que o nosso problema requer. Porque se o sr. José Sarney jogar fora mais esta oportunidade que lhe foi dada; se o Brasil sério sofrer mais esta decepção, ele estará atirando um país economicamente exaurido exatamente no ponto em que se dará, ainda este ano, a colisão frontal entre a força militar — que já pesou decisivamente nesta votação — e as forças totalitárias — ainda esperando sentadas — que serão inexoravelmente atraídas, segundo as leis da física, para ocupar o espaço por ele deixado vago. E a primeira vítima desta colisão será a já vacilante democracia brasileira.